AVALIAÇÃO ESCOLAR: UMA REFLEXÃO DA PRÁTICA ATUAL

ÉRICA GOMES SANTOS

RESUMO

O artigo apresentado aborda as problemáticas do método de avaliação classificatório e sentencioso como oferece novas perspectivas à luz das teorias de Luckesi e Hoffman que criticam pesadamente os exames que são defasados e próprios da pedagogia tradicional. Porém, os problemas no método de avaliação atual que perpetuam o ensino excludente privilegiando uns e marginalizando outros são diversos e fazem parte de uma cultura que vem sendo semeada há séculos tornando o ensino improdutivo, uma vez que o ato de avaliar se encerra com a coleta rude das notas, sem a análise desses resultados. O ideal, segundo os resultados encontrados, é que ocorra a abolição da proposta pedagógica tradicional e que a avaliação assuma o objetivo de diagnosticar falhas no processo e reorganizar os conhecimentos através da avaliação mediadora.

Palavras-Chave: Avaliação. Exame. Excludente. Construtivismo.

ABSTRACT

The presented article addresses the problems of the classificatory and sentencing evaluation method as well as offering new perspectives in the light of the theories of Luckesi and Hoffman that heavily criticize the exams that are outdated and typical of traditional pedagogy. However, the problems in the current evaluation method that perpetuate exclusionary teaching, privileging some and marginalizing others, are diverse and are part of a culture that has been sown for centuries, making teaching unproductive, since the act of evaluating is locked with the collection rudeness of the notes, without the analysis of these results. The ideal, according to the results found, is to provoke the abolition of the traditional pedagogical proposal and that the evaluation takes on the objective of diagnosing failures in the process and reorganizing knowledge through mediating evaluation.

Keywords: Evaluation. Exam. Excluding. Constructivism.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação não é uma prática que se limita ao âmbito escolar, mas está presente em todas as demandas humanas. Porém, sendo organizada e sistematizada, a avaliação escolar possui importante papel social, pois é aplicada de acordo com os objetivos implícitos ou explícitos da instituição escolar sendo possível servir tanto às transformações sociais das quais se propõe teoricamente como também contribuir para a manutenção do sistema (VILLA BOAS, 1998 apud CHUEIRI, 2008).

A prática avaliativa acompanha o aluno por toda sua existência escolar, assim, não se trata de um instrumento vazio a ser aplicado puramente, a avaliação está fundamentada nos pressupostos teóricos da sociedade, do ser humano e da educação se tornando a base do exercício docente na teoria e prática pedagógica (CALDEIRA,2000 apud CHUEIRI, 2008, p.51).

De acordo com Cunha (1998 apud CHUEIRI, 2008) a avaliação do processo de ensino e aprendizagem é uma ferramenta política e passível de contínua análise epistemológica. Para esse autor, o processo de avaliação deve relacionada à produção do conhecimento, saber o porquê e para quê está sendo usada determinada técnica de avaliação, pois mais uma vez é válido salientar que como prática escolar não é um elemento vazio de significações, mas uma prática pedagógica fundamental para fazer valer a educação. Dessa forma, o artigo aborda a importância da avaliação pedagógica para o ensino a partir das teorias elaboradas por Hoffmann e Luckesi.

O presente estudo situa-se no campo da pesquisa exploratória, com procedimento bibliográfico e documental e abordagem qualitativa, buscando as causas do problema apontado, objetivando descrever uma situação existente, comparando dados das referências de ensino presentes, em relação ao que se pretende no futuro para alcançar os objetivos propostos. A abordagem qualitativa pretende expor a realidade presente para, por meio de adequada reorientação, estabelecer as referências para estudo.

Para a elaboração do artigo foram usadas pesquisas teóricas que abordam a avaliação pedagógica na visão de dois autores sendo Luckesi e Hoffmann como também artigos elaborados por esses dois estudiosos. Para Luckesi existe uma diferença fundamental entre exames e avaliações, de acordo com esse autor a instituição escolar promove exames que têm caráter puramente classificatório e seletivo, enquanto que a avaliação se trata de um instrumento diagnóstico e inclusivo sendo, portanto ideal. Hoffman também faz uma crítica do defasado e atual sistema de avaliação classificatória, essa autora defende a avaliação mediadora, ou seja, o professor realiza a análise de atividades realizadas pelo aluno e indissociavelmente diagnostica as dificuldades desse aluno em dimensões qualitativas, para ela é ideal que o processo de avaliação quantitativo seja abandonado, de modo que as reais transformações sociais sejam consumadas através de um ensino com qualidade.

2 DESENVOLVIMENTO

De acordo com Santos (2008), o resgate histórico acerca da prática avaliativa, mostra que as avaliações eram realizadas com o único objetivo de manter o controle, isso acontecia através de exames, testes ou avaliações. Alguns exemplos podem ser vistos como colocado por Chueri (2008), o imperador chinês Shun em 2.205 antes de Cristo (a.C) aplicava exames classificatórios em seus oficiais a fim de tomar decisões de promoção ou demissão desses indivíduos.

Segundo Vasconcelos (1995 apud SANTOS; VARELA, 2010), a avaliação educacional é um termo que surgiu na década de 1940, de modo geral, é uma prática visa avaliar a aprendizagem do aluno com o objetivo de levar a mudanças no comportamento dos discentes, devendo estar relacionada à elaboração de um currículo e controle. Todavia, o que se observa é que a avaliação educacional tradicional desenvolvida na prática traz poucos ou nenhum benefício pedagógico para os alunos, pois basicamente se resume a mera verificação entre o que foi alcançado pelo aluno e o que fora delimitado pelo currículo, não ocorrendo propostas que utilizem os resultados da avaliação para o desenvolvimento do aluno ou para melhorias na qualidade de ensino.

Segundo Vasconcelos (1995 apud SANTOS; VARELA, 2010, p. 10) "a prática da avaliação escolar chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos, levando a distúrbios físicos e emocionais: mal-estar, dor de cabeça, "branco", medo, angústia, insônia, ansiedade, decepção, introjeção de autoimagem negativa".

Na visão de Libâneo (2013), a avaliação é uma atividade didática indispensável e intrínseca à atuação docente, porém deve ser feita por meio de um processo de acompanhamento de todas as etapas do ensino e aprendizagem. O autor coloca que, de fato, os resultados da avaliação servem como comparativo entre os objetivos definidos e o que foi alcançado, mas é importante que isso seja feito com o propósito de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. Ou seja, a avaliação não deve ser um mero instrumento para determinar a reprovação ou progressão do aluno.

De acordo com Silva (2017), ainda se observa na prática docente de avaliação, uma abordagem tradicional que "mede, classifica, exclui, torna homogêneo e padroniza o processo de educação escolar. Além disso, trabalha com a cumulatividade de conteúdos e tem o objetivo de certificar o aluno que se tornará apto a dar continuidade nos estudos". O modelo de avaliação centrado na promoção do aluno constitui a pedagogia do exame. Apesar das limitações desse modelo, a avaliação tradicional é imprescindível para o diagnóstico dos domínios prévios dos alunos, fornecendo informações importantes sobre o progresso real do discente (SILVA, 2017, p. 129).

2.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E INCLUSIVA DE LUCKESI

Luckesi (2002) tece pesadas críticas ao atual modelo de avaliação, classificatório e excludente, para o autor não existe realmente uma prática avaliativa da aprendizagem, mas apenas a aplicação de exames. Com isso, a avaliação é seletiva e por meio da correção dos resultados sentencia àqueles que são maus e aqueles são bons alunos. Não há nada além disso, depois de uma prova, por exemplo, o aluno será taxado de acordo com a pontuação atingida numa escala prédeterminada, mas não haverá um trabalho continuado para melhoria desses resultados.

Nesse sentido, o autor acredita que o método de verificação utilizado é inútil do ponto de vista pedagógico e social, pois objetivo avaliativo nesse caso se ocupa apenas do processo final, não oferece nenhuma importância ao processo didático e pedagógico. Por vezes, alunos são duramente criticados ao não alcançarem os resultados determinados satisfatórios, a culpa da não aprendizagem recai completamente sobre estes porque o discurso que se reproduz é de que "ou não se interessaram ou não se esforçaram o suficiente" quando na prática é sabido que existem uma série de fatores que interferem negativamente no processo de ensino e aprendizagem como a desvalorização dos professores, a estrutura escolar e o próprio método tradicional avaliativo.

Se o objeto de ensino é a aprendizagem do aluno, esse objeto claramente é descartado no processo de classificatório de avaliação, uma vez que os resultados alcançados pelos alunos são negativos do ponto de vista desse método, o objeto é descartado. Porém, quando falamos em avaliação partida do conceito de Luckesi (2002), o objeto é algo sempre inacabado, ou seja, a aprendizagem está sempre por ser construída e reconstruída, pois os resultados são analisados de modo que o professor assuma a capacidade decisória para gerir uma relação dinâmica que seja manifestada através de ações que supram as necessidades dos alunos. Luckesi (2002, p. 33) coloca que:

> (...) avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. A avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tenso em vista uma tomada de decisão.

Assim, a avaliação diagnóstica ao contrário da avaliação classificatória é um instrumento que transforma o produto, ou seja, os resultados não são encarados como estáticos

ou determinantes sobre a capacidade de uma pessoa, mas são fundamentais para oferecer subsídios que contribuam ao exercício da docência, pois os dados coletados através das avaliações servem como fatores a diagnosticar as dificuldades e potencialidades do aluno para então aplicar novas ações que sejam capazes de melhorar esses resultados qualitativamente a fim de que estejam o mais próximo do considerado ideal pela escola.

Luckesi (2005) coloca que embora o método avaliativo utilizado seja arcaico, houve uma inversão ainda maior de valores nos últimos tempos, os alunos não têm mais prazer nas atividades, mas vivem preocupados realizando cálculos sobre as notas médias que podem e devem alcançar para não ficar fora do padrão considerado ideal. O mesmo autor argumenta que existem três fatores primordiais que definem o ato de "examinar" como uma prática avaliativa, na verdade, o autor nomeia esses fatores como heranças.

Em primeiro lugar, Luckesi (2005) afirma que a herança psicológica trazida pelos professores é um importante fator, pois esses indivíduos foram submetidos ao método de avaliação classificatória durante toda a vida escolar, é natural que eles tenham uma visão rígida sobre essa questão e reproduzam o comportamento aplicado por professores do passado, mesmo por eles sabem que esse método de avaliação funciona também para manter alunos sob controle, pelo menos, até certo ponto e sabemos que não existe uma estrutura e cultura adequada para favorecer o trabalho de ensino e aprendizagem ministrado pelo professor. Porém, vale lembrar que esse não é um comportamento voluntário e consciente, ele apenas é reproduzido pelo professor que aprendeu desta forma sobre métodos de avaliação.

A segunda herança e mais abrangente é aquela construída ao longo da história geral da educação, essa jornada foi consolidada estruturalmente entre os séculos XVI e XVII, em que a educação sistematizada foi criada numa necessidade urgente da sedimentação da sociedade moderna. Na época, as pedagogias jesuítas e comenianas eram responsáveis pelas realizações pedagógicas, existem textos dessa época que apresentam a descrição do mesmo método de avaliação utilizado hoje, ou seja, o ato de examinar o aluno como adequado é satisfatório dentro dos parâmetros qualitativos tanto pedagógica como disciplinarmente, o objetivo era unicamente controlar a aprendizagem dos alunos tal como é feito, hoje (LUCKESI, 2005).

A herança histórico-social é terceira apontada por Luckesi (2005) e se trata da herança da sociedade burguesa, o modelo burguês em nome de seus interesses é classificatório e excludente, até hoje o modelo seletivo de ensino é reproduzido, pois o intuito não é outro, senão, classificar pessoas em "adequadas" ou "não adequadas" para então designá-las a privilégios de classe ou lançarem à marginalização, não existe a prática de um ensino libertador, mas sim a ideologia de que a instituição escolar é libertadora. Para o autor é extremamente complexo desconstruir a ideologia firmada e sustentada por essas heranças, demanda tempo, pesquisa e prática.

Luckesi (2005) acredita que as transformações educacionais só terão início quando professores forem verdadeiramente apoiados pelo Estado para promover uma educação construtiva, hoje com as atuais condições de trabalho do professor e escola em si se torna praticamente impossível realizar uma educação com qualidade superior a que se tem manifestado. Ele pontua principalmente a necessidade de melhores salários para os professores, número adequado de alunos por sala de aula, material didático satisfatório e espaço que seja minimamente adequado, pois sem esses elementos, o professor que é culpabilizado pelo fracasso escolar, dificilmente conseguirá qualquer mudança na proposta de avaliação que hoje na prática é executada por meios de exames.

Dessa forma, o autor conclui que a implantação da avaliação diagnóstica não se limita aos instrumentos, mas principalmente à postura pedagógica e assim da prática de avaliação perpetuadas pela escola. Com isso, Luckesi (2005) tenta dizer que seria impossível, por exemplo, a prática de uma avaliação diagnóstica dentro do atual modelo de projeto pedagógico tradicional. No atual modelo, é esperado e exigido do aluno que esteja sempre pronto para alcançar os resultados quantitativos determinados pela escola como ideais, não há uma busca pela redescoberta desse aluno. Porém, o professor, dentro de suas possibilidades, pode adotar uma nova postura após a aplicação de um teste, por exemplo, pode avaliar seu aluno através da coleta dos dados encontrados no tal teste e gerir da melhor forma esses resultados, de todo modo essa é apenas uma das ações que podem começar a ser feitas, mas para que a mudança aconteça é necessário algo muito maior como os apontamentos já colocados aqui.

2.2 A AVALIAÇÃO MEDIADORA DE HOFFMANN

A avaliação escolar pode ser definida como um instrumento processual didático que tem por finalidade acompanhar o aluno durante toda a sua vida escolar, visa o monitoramento analítico de seu percurso numa relação em que concretizam tanto avanços como retrocessos em múltiplas dimensões sendo, então, a avaliação um processo de construção dos saberes a partir da perspectiva mediadora (HOFFMANN, 2008).

O papel avaliador adequado para que o exercício da atividade pedagógica do professor não seja vão é de reflexão crítica, pois se o atual modelo de avaliação prioriza uma abor-

dagem quantitativa, a avaliação mediadora é essencialmente qualitativa sabendo que o valor dos resultados são conceitos subjetivos e multidimensionais (HOFFMANN, 2008).

Para Hoffmann (1995) o método classificatório de avaliação é defasado e incapaz de cumprir os objetivos de transformações sociais, pois a forma como é gerido apenas torna seu caráter classificatório e, portanto, sentencioso. Ao contrário disso, a autora coloca a importância de uma avaliação mediadora que se proponha a reorganização do saber num processo de ensino e aprendizagem que seja verdadeiramente participativo, uma troca de experiências entre o professor e aluno, sendo a avaliação um instrumento também construtivista.

Essa mesma autora coloca que o método tradicional de avaliação se limita à sequência de "transmitir-verificar-registrar", o método por si só é mecânico e empobrece a relação de ensino e aprendizagem, ou seja, a relação entre o professor e aluno perde seu significado pedagógico. Em seus estudos, Hoffmann (1994) identificou que a prática avaliativa em todos os graus de ensino se manifesta pela prática do julgamento dos resultados qualitativos alcançados pelos alunos e considerados ideais pelo professor.

Alguns fatores parecem contribuir para a manutenção de tal concepção: a autonomia didática dos professores, decorrente de suas especializações em determinadas disciplinas e/ou áreas de pesquisa, que dificulta a articulação necessária entre os docentes, a ponto de suscitar uma reflexão conjunta sobre essa questão; a estrutura curricular, por exemplo, do 3 Grau, com o regimento de matrícula por disciplinas que, desobrigando à seriação conjunta dos alunos, impede os professores de avaliarem a trajetória do estudante em seu curso superior, em termos do acompanhamento efetivo de seus avanços e de suas dificuldades; além desses, a natureza da formação didática dos professores, que se revela, na maioria das vezes, por um quadro de ausência absoluta de aprofundamento teórico em avaliação educacional (HOFFMANN, 1994, p. 51).

Além dessas questões, a autora destaca que a prática de avaliação educacional se tornou um elemento meramente reprodutivista, pois é passada de geração a geração de professores, não há ainda um aprofundamento teórico sobre as condições mais ideais para a avaliação de alunos, os estudantes de licenciaturas não são preparados nos cursos universitários para tomar novos posicionamentos avaliativos fazem justamente como aprenderam na prática, enquanto alunos.

É possível afirmar que essa prática avaliativa é involuntária, os professores não têm consciência real da forma como atuam e os prejuízos causados por essa atuação à educação, isto porque não há questionamentos e reflexão acerca da avaliação escolar nos cursos superiores conforme colocado por Hoffmann (2007, p. 71) "(...) é sabido que a atenção a essa área, em cursos de formação, é frequentemente, descuidada ou desarticulada da realidade do contexto educacional". Não há um preparo crítico e reflexivo, o professor muitas vezes possui o embasamento teórico da disciplina, mas pouco sabe ou interpretou sobre as práticas avaliativas, dessa forma, quando confrontado com a realidade encontra dificuldades que o mantém defasado

Porém, é importante colocar que o professor além da dificuldade para a compreensão do uso do instrumento de avaliação impedindo que a prática da mesma seja mediado, ele encontra uma série de barreiras definidas pelo próprio sistema que se mostra através das normas classificatórias exigidas pelas instituições escolares, tais questões conflituosas contribuem bastante para a dificuldade do professor em revolucionar parte do sistema escolar através da avaliação, pois faltam tanto subsídios teóricos como metodológicos para atuar de outra forma, mesmo quando o educador possui uma postura visionária ele não tem segurança para agir de outra forma, senão, aquela já estabelecida (HOFFMANN, 2000).

De acordo com Hoffmann (2000) há ainda uma cultura bastante enraizada na escola que perpetua o método avaliativo como uma prática coerciva para intimidação dos alunos. Isso é extremamente negativo, uma vez que, que o professor usa o método em "benefício" próprio, para o desenvolvimento individual do aluno é um entrave, pois nesse tipo de atitude faltam elementos como a sensibilidade e prática interpretativa do aluno, ao contrário da avaliação que hoje se mostra a corrigir o aluno considera-se adequada uma abordagem que busque interpretar esse aluno.

Portanto, Hoffman (2009) entende que a prática avaliativa, como mediação, tem por função objetiva mediar a construção entre o saber e a produção do saber. Para esta autora, essa área ainda necessita de muitas pesquisas, pois segundo a mesma, é fundamental que seja encontrado real sentido da avaliação escolar, apenas dessa forma é que será possível encontrar meios também para exercitar uma avaliação significativa para o desenvolvimento do aluno. É importante ressaltar que os professores, conforme afirma a mesma autora, não são os únicos agentes a determinar a atual condição avaliativa classificatória, pois a prática classificatória de avaliação mantém o sistema tradicional de ensino que é sustentado pela obrigatoriedade de provas desse gênero e atribuições de notas quantitativas, porém, o professor é peça chave para protagonizar estudos que possam alterar a realidade atual de avaliação escolar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada foi possível constatar que o atual método de avaliação é defasado, pois seu caráter é classificatório e sentencioso o que inviabiliza a aprendizagem real do aluno, uma vez que este é submetido a uma classificação a partir da coleta de resultados que são lidos de forma quantitativa, uma vez que o aluno é classificado como "bom" ou "mal" as oportunidades da continuidade da aprendizagem são eliminadas, pois o foco é no resultado final e esse é tratado de forma estática pelo sistema de ensino e método avaliativo vigente, devendo ressaltar que a responsabilidade do fracasso escolar não deve recair unicamente sobre o professor, pois esse possui pouca autonomia ou elementos para executar uma educação ainda melhor.

Portanto, é cabível dizer que o atual método avaliativo carece urgente de mudanças, mas pra isso é fundamental que avaliemos todas as outras questões interrelacionadas ao ensino como melhores condições de trabalho e salário para professores, uma reforma na proposta pedagógica e a abolição da educação tradicional e os aspectos da manutenção dessa escola.

REFERENCIAS

CHUEIRI, M. S. F. Concepções sobre a Avaliação. Estudos em Avaliação Educacional, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008.

HOFFMANN, J. Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2009.

HOFFMANN, J. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2008.

HOFFMANN, J. Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2000.

HOFFMANN, J. M. L. Pontos e contrapontos do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LIBÂNEO, J. C. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 6. ed. São Paulo: Heccus, 2013.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, C. C. Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, M. R.; VARELA, S. A Avaliação como um Instrumento Diagnóstico da Construção do Conhecimento nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, n. 01, ago. / dez. 2007.

SANTOS, J. G. S. História da avaliação: do exame à avaliação diagnóstica. Artigo científico. Faculdade de Educação. Campus Santa Mônica. Universidade Federal de Uberlândia: MG, 2008.

SILVA, S. D. Avaliação: perspectivas teóricas e sua tipologia tradicional e contemporânea. Educação, Batatais, v. 7, n. 4, p. 123-139, jul./dez. 2017

VASCONCELOS, C. dos S. Concepção Dialética-Libertadora do processo de Avaliação Escolar. São Paulo, Libertad, 1995.